



A implementação de *a gente* não sujeito no sertão alagoano

The implementation of a gente not subject in the backwoods of Alagoas

José Manoel Siqueira da Silva *
Universidade Federal de Alagoas
Delmiro Gouveia, Alagoas, Brasil

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória **
Universidade Federal de Alagoas
Delmiro Gouveia, Alagoas, Brasil

Resumo: No presente estudo, interessamo-nos em estudar a implementação de *a gente* nas funções de não sujeito na fala de sertanejos alagoanos. Assim, observamos a alternância entre *nós* e *a gente* pronomes, levando em consideração as funções de acusativo, dativo, (oblíquo) complemento e (oblíquo) adjunto. Ainda, procuramos saber qual a frequência de uso de cada forma, quais fatores sociais e/ou linguísticos condicionam o uso da variável e, por fim, questionar se estamos diante de uma variação estável ou uma mudança em curso. Baseado nisso, o presente trabalho leva em consideração o que é proposto pela Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008), associados aos estudos de Lopes (2002, 2004), Ramos, Bezerra & Rocha (2009), Vianna & Lopes (2012, 2013), Vitória (2017). Os dados analisados foram extraídos a partir do banco de dados do Projeto A Língua Usada no Sertão Alagoano (LUSA) e rodados no programa computacional GoldVarb X. Após a análise dos dados, concluímos que, embora haja a variação pronominal nas funções estudadas, o pronome conservador encontra-se com um maior índice de realização, havendo pouca realização do *a gente* e que essa variação é condicionada apenas por fatores internos, além de apresentar uma variação estável.

Palavras-chave: Variação. 1PP. Não sujeito. Sertão Alagoano.

Abstract: In the present study, we are interested in studying the implementation of *a gente* in the functions of non-subject in the speech of backwoods of Alagoas. Thus, we observe the alternation between *nós* and *a gente* pronouns, taking into account the functions of accusative, dative, (oblique) complement and (oblique) adjunct. Also, we try to know how often to use each form, what social and/or linguistic factors condition the use of the variable and, finally, to question whether we are facing a stable variation or a change in progress. Based on this, the present work takes into account what is proposed by the Theory of Variation and Linguistic Change (LABOV, 2008), associated with the studies of Lopes (2002, 2004), Ramos, Bezerra & Rocha (2009), Vianna & Lopes (2012, 2013), Vitória (2017b). The data analyzed were extracted from the database of the project the language used in the backwoods of Alagoas and run in the computer program GoldVarb X. After the analysis of the data, we conclude that, although there is a pronominal variation in the functions studied, the conservative pronoun has a higher achievement index, with little accomplishment of the *a gente* and that this variation is conditioned only by internal factors, besides stable variation.

Keywords: Variation. 1PP. Not-subject. Backwoods of Alagoas.

* Graduando em Letras pela Universidade Federal de Alagoas – Campus Sertão e bolsista PIBIC/CNPq. E-mail: manoel.siqueira77@hotmail.com.

** Doutora em Linguística e professora da Universidade Federal de Alagoas – Campus Sertão. E-mail: elyne.vitorio@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Diversas pesquisas feitas no Brasil com base nos pressupostos da teoria laboviana ajudam no avanço de discussões sobre o uso real da língua portuguesa feita pelos brasileiros. Dentre as principais pesquisas feitas nesse cenário nacional, podemos listar os estudos feitos sobre o quadro pronominal do português brasileiro. Mais restritamente, podemos listar os estudos feitos sobre a variação pronominal na fala do sertão alagoano (cf. PORTO SILVA, 2017; SILVA; 2017; FEITOSA, 2017). As pesquisas feitas na região têm mostrado um maior uso da variante não padrão na posição de sujeito em detrimento da variante padrão (*você* > *tu*, *a gente* > *nós*).

Entretanto, mesmo com tal mapeamento feito na área, ainda não é possível aferir se tais pronomes estão realmente inseridos em todos os contextos sintáticos no falar da comunidade em questão. Com o intuito de compreender como está sendo feita a utilização pronominal na região do sertão alagoano, é preciso que sejam investigados os outros ambientes nos quais os pronomes podem se inserir. Assim, entra aqui a ideia do presente estudo em relação à implementação do pronome *a gente* na comunidade de fala do sertão alagoano.

De tal modo, diante da perspectiva de a língua ser variável e de haver diferentes formas de dizer algo com o mesmo valor semântico, guiamos o nosso trabalho através da ideia de que o pronome *a gente* não adentrou no português brasileiro apenas na função sintática de sujeito, introduzindo-se também em outras funções sintáticas – complemento e adjunto. Assim, tendo em vista tal ideia, buscamos responder o seguinte problema na pesquisa: há variação entre *nós* e *a gente* nas funções de não sujeito no sertão alagoano?

Para que pudéssemos realizar o que objetivamos, nos filiamos ao que prega a Teoria da Variação e Mudança Linguística (LAVOV, 2008), buscando responder o que nosso trabalho propõe. Diante das variantes da nossa pesquisa, focamos em compreender o problema da restrição linguística, analisando, além da frequência de variação, os elementos que condicionam o uso de determinada variante, sejam esses condicionantes linguísticos e/ou sociais.

Para a análise dos dados, recorreremos ao banco de dados A Língua Usada no Sertão Alagoano – LUSA (VITÓRIO, 2017a)¹, composto por 96 entrevistas sociolinguísticas, estratificadas segundo as variáveis sexo/gênero (masculino/feminino), faixa etária (F1: 18 a 29 anos; F2: 30 a 44 anos; e F3: acima de 44 anos) e escolaridade (E0: analfabeto/semianalfabeto; E1: ensino fundamental; E2: ensino médio; e E3: ensino superior) e utilizamos o programa computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

Para atingir os nossos objetivos propostos, na próxima seção, expomos um breve percurso do pronome *a gente* no português brasileiro, na seguinte seção, abordamos o que dizem algumas pesquisas sociolinguísticas sobre a implementação de *a gente* em contextos sintáticos de complementação e adjunção, em seguida, descrevemos os resultados obtidos

¹ Este trabalho faz parte do projeto A Língua Usada no Sertão Alagoano, submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas, sob número de parecer 1.073.208.

para o processo de variação por nós estudado, observando tanto a variável dependente quanto as variáveis independentes, e, por fim, tecemos nossas considerações finais.

2 O PRONOME *A GENTE* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

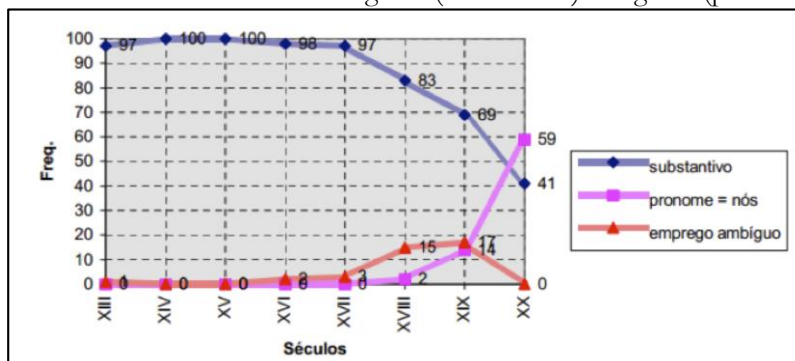
A forma pronominal *a gente* passou por um processo de mudança linguística no percurso histórico da Língua Portuguesa. Seu processo de gramaticalização foi lento e gradual. Originando-se do substantivo *gente*, o pronome inovador de primeira pessoa do plural (1PP) acabou mudando e resultando na forma atual *a gente*. Segundo Lopes (2002; 2004), a forma pronominal *a gente* fez suas primeiras aparições, com níveis bastante escassos, em textos do século XIII. Entretanto, foi apenas no século XVI que ela começou a ganhar terreno.

De acordo com a autora, “só foram localizadas ocorrências de *a gente* como pronome no século XVIII. Antes disso, há exemplos esporádicos em que a forma *a gente* apresenta ambiguidade interpretativa, ou seja, tanto pode ser considerada sinônimo de “pessoas” quanto variante de *nós*” (LOPES, 2002, p. 01). Apenas no século XIX começa realmente a ocorrer o processo de gramaticalização, aqui entendido como o ato de um item lexical se tornar um item gramatical, ex: *gente* > *a gente*.

Em seu início, a forma apresentava sentido tanto para “pessoas”, excluindo o “eu” do discurso, quanto para “pessoas”, inserindo o “eu”, relacionando-se com o pronome nós. Essas ocorrências, com o sentido de ambiguidade, tornaram-se frequentes no decorrer do tempo, do mesmo modo em que a forma começa a ser usada com mais frequência pelos falantes.

Com a ascendência e a iminência do processo de gramaticalização da forma *a gente*, os casos ambíguos começam a diminuir, deixando a interpretação apenas de *a gente* como forma pronominal, variante de nós. Através de seu estudo, Lopes (2002) constatou, conforme o gráfico 1, a alteração semântica do pronome *a gente* no seu processo evolutivo, mostrando que, a partir do século XVII, os usos de *a gente* em todas as formas começaram a apresentar diferenças relacionadas ao seu comportamento nos séculos anteriores.

Gráfico 1: Percurso histórico de *gente* (substantivo) > *a gente* (pronome)



Fonte: Lopes (2002, p. 3)

Entretanto, além dessas mudanças apresentadas relacionadas ao processo de pronominalização, a introdução da variante *a gente* no sistema pronominal do Português acabou alterando outros fatores no sistema linguístico, ou seja, houve também uma mudança em relação ao uso dos pronomes em relação às funções sintáticas. Desse modo, o pronome *a gente* começou a disputar, em um processo de variação com a forma conservadora *nós*, as diferentes funções sintáticas presentes no sistema do Português – sujeito, complemento e adjunto.

O que antes se resumia a apenas uma forma de primeira pessoa do plural na posição de sujeito, agora se estende a duas e que, conseqüentemente, disputam na realização pronominal em outras funções sintáticas, tais como as de dativo, acusativo, (obliquo) complemento e (obliquo) adjunto. Dessa forma, além de ter havido o processo de gramaticalização do *a gente* no português brasileiro, houve um rearranjo sintático, possibilitando o uso do pronome inovador em diferentes funções sintáticas, concorrendo com o pronome conservador *nós*.

Assim, podemos considerar que o pronome *a gente* adentrou no sistema pronominal do Português através de um processo de gramaticalização, efetuando-se no século XIX, e que, através desse processo, o pronome começou a disputar com a forma conservadora em diferentes funções sintáticas além da posição de sujeito.

3 VARIAÇÃO NÓS/A GENTE NAS FUNÇÕES DE NÃO SUJEITO NO PB

Ao nos debruçarmos sobre determinados fenômenos que ocorrem na língua, é comum encontrarmos pesquisas já realizadas sobre os temas estudados. Tais pesquisas funcionam como forma para melhor dar suporte ao trabalho estudado – ajudando a refutar (ou não) as ideias propostas –, ou servindo como ponto norteador dos nossos pensamentos. Diante dessa perspectiva, a presente seção tratará de explanar pesquisas sociolinguísticas feitas sobre o tema por nós estudado, utilizando as discussões de Vianna & Lopes (2012) e Vitorio (2017b).

Em *A competição entre nós e a gente nas funções de complemento e adjunto: desvendando outras portas de entrada para o pronome inovador*, Vianna & Lopes (2012) observaram que a variação *nós* e *a gente* pode ser entendida como um processo de mudança, condicionada pelas variáveis relações gramaticais, tipos de núcleo, paralelismo formal e semântico, faixa etária e escolaridade, com *a gente* sendo mais frequente nos seguintes contextos: (obliquo) complemento, núcleo verbal, antecedido por *a gente* em outras funções sintáticas, falantes mais jovens e do ensino médio.

As autoras pontuam que a implementação de *a gente* ocorre maior com frequência no núcleo verbal, conforme tabela 1. Assim, temos, na função de acusativo, o maior resultado no núcleo verbal, com o *a gente* sendo realizado em 25% contra 18% do *nós*. Já no núcleo nominal, percebemos um percentual maior de *nós* em relação à função de (obliquo) adjunto, tendo o pronome conservador um percentual de 86% contra apenas 9% do *a gente*, dando a ideia de que, nessa função sintática, os falantes ainda preferem o uso da forma conservadora.

Tabela 1: Distribuição da 1PP nas relações gramaticais de não-sujeito pelos tipos de núcleo

	Acusativo		Dativo		(Obl.) Compl.		(Obl.) Adjunto	
	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	<i>nós</i>	<i>a gente</i>
Núcleo nominal	-	-	-	-	-	7/145 5%	125/145 86%	13/145 9%
Núcleo verbal	14/77 18%	19/77 25%	4/77 5%	7/77 9%	1/77 1%	12/77 15%	7/77 9%	13/77 17%

Fonte: Vianna e Lopes (2012, p. 147)

Vitório (2017b), no trabalho *A realização dos pronomes nós e a gente na função de sujeito e nas funções de complemento e adjunto na cidade de Maceió/AL*, pontua que, na posição de sujeito, *a gente* é a variante preferida – 84% *versus* 16% de *nós*, mas, nas posições de complemento e adjunto, as formas de *nós* ainda são as selecionadas – 61% *versus* 39% de *a gente*. Em relação à variação nas funções de não sujeito, a autora mostra que há o condicionamento das variáveis tipos de núcleo, relações gramaticais, paralelismo formal, sexo/gênero e escolaridade.

Segundo a autora, a implementação de *a gente* não sujeito na fala maceioense é mais frequente nos seguintes contextos, a saber: núcleo verbal; funções de acusativo e (oblíquo) adjunto, mostrando, conforme tabela 2, que *a gente* é mais frequente na função acusativa, que pertence ao núcleo verbal – 40%, o que parece indicar que os dados caminham na mesma direção dos dados apontados por Vianna & Lopes (2012) para a fala carioca; contexto de paralelismo formal, principalmente quando *a gente* é antecedido por *a gente* em outras funções sintáticas; entre os falantes do sexo feminino e menos escolarizados.

Tabela 2: Distribuição da 1PP nas relações gramaticais de não-sujeito pelos tipos de núcleo

	Acusativo		Dativo		(Oblíquo) Compl.		(Oblíquo) Adjunto	
	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	<i>nós</i>	<i>a gente</i>
Núcleo nominal	-	-	-	-	4/80 5%	3/80 4%	62/80 77%	11/80 14%
Núcleo verbal	2/48 4%	19/48 40%	9/48 19%	2/48 4%	1/48 2%	5/48 10%	-	10/48 21%

Fonte: Vitório (2017b, p. 133)

O que podemos ver através dos estudos sociolinguísticos aqui apresentados é que o pronome inovador está em constante processo de variação com o pronome conservador, havendo casos em que o *a gente* é a forma mais utilizada nas funções sintáticas, representando uma mudança em curso no sistema linguístico quanto ao uso pronominal nas posições de não sujeito. Esses estudos nos levam a pressupor que o mesmo pode estar acontecendo na região do sertão alagoano, dando aporte para os possíveis resultados que obtivermos e ajudando-nos a observar que a variação entre *nós* e

a gente não é um processo isolado, e sim algo que está ocorrendo em diversas regiões onde é falado o português brasileiro.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 Variável dependente

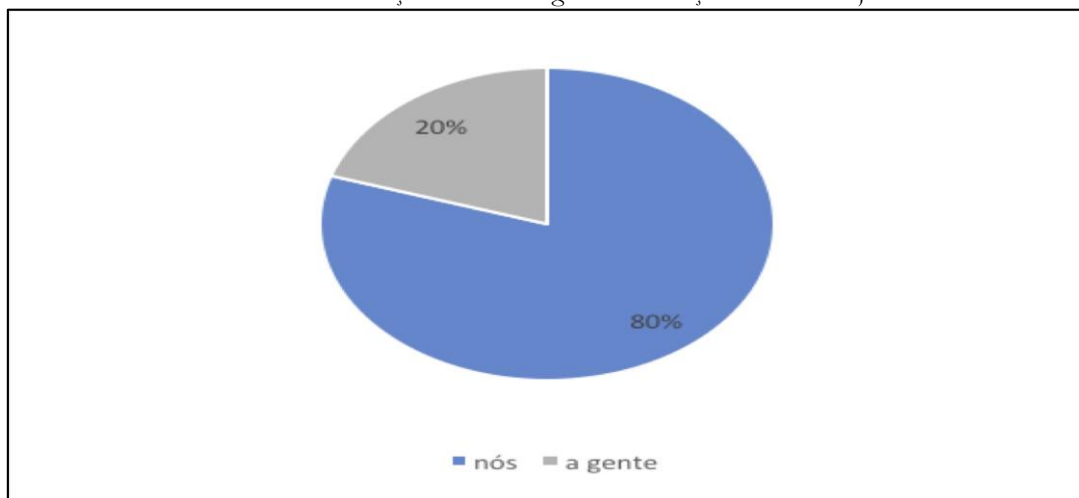
Pesquisas sociolinguísticas feitas com base na amostra do LUSA constataram que o pronome de 1PP preferencial do sertão alagoano é o inovador *a gente*. Feitosa (2017) observou que, na posição de sujeito, há um total de realização de 843 dos pronomes de 1PP, sendo 197 realizações do pronome *nós* e 646 do pronome *a gente*, estabelecendo uma predominância do *a gente* com 77% contra apenas 23% do *nós*. Silva (2017) constatou um total de 73 realizações de pronomes de 1PP, sendo 16, representando 22%, para o pronome *nós* e 57, representando 78%, para o pronome *a gente*, compreendendo que os falantes não escolarizados preferem *a gente*.

Entretanto, mesmo com esse preferencial em relação ao pronome inovador na posição de sujeito, há de se perguntar se o mesmo está ocorrendo nas funções de não sujeito. Como já tratado, com o processo de gramaticalização que houve com o pronome inovador, houve um rearranjo no sistema linguístico, possibilitando que o *a gente* ocupasse funções sintáticas que antes ficavam apenas para o pronome *nós*, como podemos observar nos exemplos (1), (2), (3) e (4).

- (1) porque eu acho melho né - é melhor *pá gente* do que andá num canto estranho – só isso mermo L2
- (2) se eu já tipo me expus a um risco? a: é a própria vida *da gente* é um risco né? ((risos)) diariamente – a gente já vem trabalha x fazê as coisas e é com risco mais L10
- (3) Olha – trabalha hoje: em escola sendo professô – eu acredito que seja uma das profissões mais difícil – que a gente pode tê né? Por conta da falta de intere::sse dos alu::nos – da administração:o dos governa::ntes - São N fatores que a gente se fô olhá às vezes deixa *a gente* até para baixo - /mais, mas/ sempre tem seus lados positi:vos e são esses que às vezes deixa a gente mais à vontade no que faz L14
- (4) acho que ele tá fazendo um bom traba::lho – eu go:sto do que ele tá fazendo *com a gente* L17

Desse modo, após a análise dos dados no programa computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), obtivemos um total de 210 realizações dos pronomes de 1PP nas funções de não sujeito nos dados do LUSA, sendo 167 realizações do pronome *nós*, para 43 realizações do pronome *a gente*. Assim, o pronome conservador representa um percentual de 80%, tendo a maior realização, enquanto o pronome inovador teve apenas 20%, sendo menos selecionado pelos falantes da região na posição estudada, conforme gráfico 2.

Gráfico 1: Realização do *nós* e *a gente* nas funções de não sujeito



Fonte: elaborado pelos autores

Embora os resultados apresentem que há uma regra variável para o fenômeno (cf. LABOV, 2008), a sobreposição do pronome conservador em relação ao inovador implica que o segundo ainda está em um processo de uso não tão difundido, como ocorre na posição de sujeito. Entretanto, os resultados aqui encontrados da variável dependente vão ao encontro de outros trabalhos sociolinguísticos, como de Vianna & Lopes (2012) e Vitorio (2017b), comprovando que há o processo de variação e que o pronome inovador está se implementando na comunidade de fala, mas que ainda é pouco selecionado comparado ao *nós*.

Para a análise dos dados, selecionamos como variáveis independentes seis grupos de fatores: sexo/gênero, faixa etária, escolaridade, tipos de núcleo, paralelismo formal e relações gramaticais. Após a rodada dos dados, o programa computacional GoldVarb X selecionou como significativas apenas duas variáveis: tipos de núcleo e paralelismo formal. Desse modo, as demais variáveis (sexo/gênero, faixa etária, escolaridade e relações gramaticais) foram selecionadas como não significativas estatisticamente. Neste trabalho, focaremos em apresentar os resultados das variáveis estatisticamente significativas e faremos uma breve discussão sobre as variáveis relações gramaticais e faixa etária, como será feito nas seguintes subseções.

4.2 Variáveis independentes estatisticamente significativas

Tipos de núcleo foi a primeira variável selecionada como estatisticamente significativa. Essa variável está relacionada ao núcleo que o pronome se encontra, podendo estar situado tanto no núcleo verbal quanto no nominal². Consideramos para

² Nem todas as funções sintáticas ocorrem no núcleo nominal. Sendo o dativo e o acusativo complementos verbais. Já o (oblíquo) complemento e o (oblíquo) adjunto podem ocorrer tanto no núcleo verbal quanto no nominal (VIANNA & LOPES, 2013).

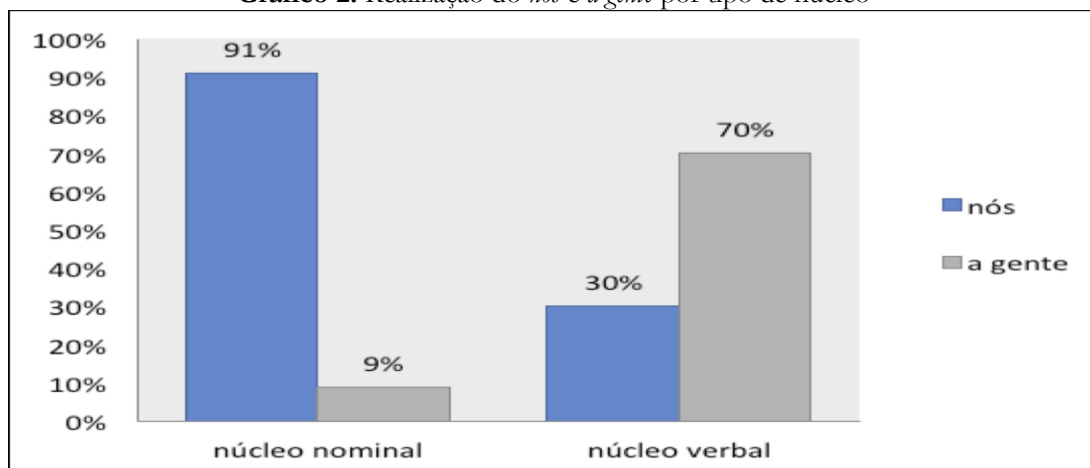
isso que o pronome inovador se encontra mais presente no núcleo verbal, como no exemplo (5), sendo menos difundido no núcleo nominal, como no exemplo (6), já que, segundo Vianna & Lopes (2012, p. 141), “as relações internas ao sintagma nominal, principalmente quando são de adjunção (as mais produtivas nos dados), assumem um caráter muito mais fixo (imutável) na organização do sistema, isto é, são relações de caráter essencialmente sintático e não discursivo”.

(5) ele levou o dinheiro mas não feriu *a gente* não agrediu assim agrediu só de boca mas não machucou ninguém x levaram o dinheiro da gente e a rente voltou para a cidade. L53

(6) que num é a família *da gente* é melho pra gente do que as mesmas parente L57

Assim, após a rodada dos dados, foi possível obter os seguintes dados:

Gráfico 2: Realização do *nós* e *a gente* por tipo de núcleo



Fonte: elaborado pelos autores

Como podemos observar, a entrada do pronome *a gente* ocorre mais no núcleo verbal, com um percentual de 70%, com apenas 30% do pronome *nós*. Já, no núcleo nominal, o pronome *a gente* é menos selecionado, apresentando um percentual de apenas 9%, com o pronome *nós* apresentando um percentual de 91%. Assim, é no núcleo verbal que o pronome inovador encontra sua porta de entrada nas funções de complemento e adjunto, enquanto, no núcleo nominal, o *a gente* é desfavorecido, prevalecendo o pronome conservador, conforme tabela 3.

Tabela 3: Realização do *a gente* na variável tipo de núcleo

	Aplic. / Total / Perc.	PR
Núcleo verbal	28 / 40 / 70%	0.93
Núcleo nominal	15 / 170 / 9%	0.36

Fonte: elaborado pelos autores

Os dados da tabela 3 mostram que o maior índice de realização para *a gente* se efetiva no núcleo verbal, com um peso relativo de 0.93, em comparação com o núcleo nominal, em que o peso relativo é de apenas 0.36. Tais resultados se relacionam diretamente aos apresentados por Vianna & Lopes (2012) e Vitório (2017b), comprovando que a porta de entrada do pronome inovador evidencia-se no núcleo verbal, enquanto no nominal há um barramento da variante. Assim, dialogando com Vianna & Lopes (2012), o pronome *a gente* está adentrando melhor no núcleo verbal por conter um caráter mais discursivo do que sintático. Isso implica a ideia de que o falante tende a ser mais explícito ao falar uma forma linguística na qual é utilizado o *a gente*.

A segunda e última variável independente considerada como estatisticamente significativa pelo programa é a variável paralelismo formal. Essa variável implica a ideia de o falante tender a utilizar determinada forma linguística em uma mesma sequência enunciativa. Desse modo, a hipótese é que o falante irá repetir o pronome *a gente* se, na mesma sequência discursiva, ele a tenha começado com o *a gente*. Para a análise dessa variável, consideramos os seguintes fatores: realização isolada, como (7); primeiro da série, como (8); antecedido por *a gente* sujeito, como (9); antecedido por *a gente* em outras funções, como (10); antecedido por *nós* sujeito, como (11); e antecedido por *nós* em outras funções sintáticas, como (12).

(7) uma coisa qui tá próxima, né? mais cedo ou mais tarde acaba batendo na porta da gente L45

(8) bem a questão da onde de violência no *nosso* estado assim como em outros estados nós não podemos atribuí a questão do desemprego L46

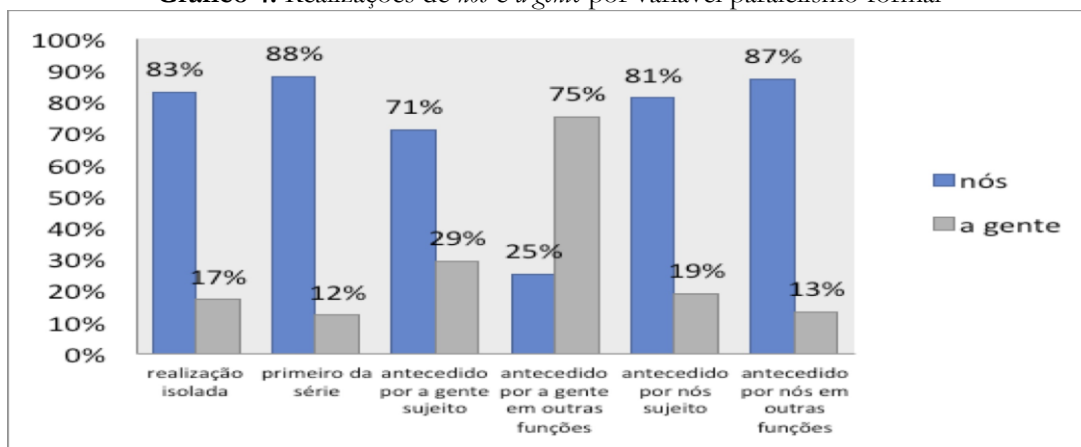
(9) não não bateu no lado assim da: da trazeira do: do lado do mororista né? mais x teve susto né? *a gente* foi devia do carro aí vinha a moto atrás aí – bateu na gente L43

(10) é um assalto e a gente num pôde reagir xx ele levou o dinheiro mas não feriu a gente não agrediu (*a gente*) assim agrediu (a gente) só de boca mas não machucou ninguém x levaram o dinheiro da gente e a gente voltou pra cidade. L53

(11) tem que que melhorá o nosso nordeste principalmente o sertão onde *Ø vivemos* – ele:: ele ainda é ultrapassado – no que se refere a eleição – é muito comprado mesmo aqui na *noossa* região a gente vê muito isso – toda eleição – então só queria que acabasse com isso e que o povo se conscientizasse de quem qué realmente o bem deles L62

(12) eu que fui passeá nos istado de Sergipe e eu conheci cidades muitos menores do que a *nossa (cidade)* qui é muito mais evoluída e desenvolvida – cidades do tamanho de alguns bairros aqui da *nossa cidade* – onde prefeitos investem em culutra isportes lazê para os seus habitantes principalmente para os jovens, né? se não investi no jovem na base a violência e o atraso da cidade não vai acaba nunca L69

Gráfico 4: Realizações de *nós* e *a gente* por variável paralelismo formal



Fonte: elaborado pelos autores

Como podemos observar no gráfico 4, há um alto índice de realização para o pronome *nós* na maioria das sequências discursivas. O maior índice de realização do *nós* ocorre no fator primeiro da série – 88%, seguido do fator antecedido por *nós* em outras funções sintáticas – 87%, realização isolada – 83%, antecedido por *nós* sujeito – 81% e antecedido por *a gente* sujeito – 71%. O único fator que demonstrou maior realização para o pronome *a gente* nas funções de não sujeito foi o de antecedido por *a gente* em outras funções, com um percentual de 75% para *a gente*, contra 25% para o pronome *nós*, mostrando um favorecimento de *a gente* nesse contexto.

Isso nos leva a considerar que há um maior peso relacionado à ocorrência de *a gente* na mesma sequência discursiva na posição de não sujeito. Sobre isso, Ramos, Bezerra & Rocha (2009, p. 287) falam que “os falantes normalmente elegem como forma para sua primeira referência aquela forma que é predominante em suas realizações e tendem a repeti-la, principalmente quando não há mudança de referente”. Assim, compreendemos que houve tais resultados pela ideia de o falante, quando já introduzido essa forma na posição de não sujeito, preservar a forma que já havia sido introduzida por ele, tendo maior aplicabilidade o *nós*.

Tabela 4: Realização de *a gente* na variável paralelismo formal

	Aplic. / Total / Perc.	PR
Realização isolada	10 / 58 / 17%	.50
Primeiro da série	6 / 49 / 12%	.34
Antecedido por <i>a gente</i> sujeito	14 / 48 / 29%	.58
Antecedido por <i>a gente</i> em outras funções sintáticas	6 / 8 / 75%	.94
Antecedido por <i>nós</i> sujeito	3 / 16 / 19%	.74
Antecedido por <i>nós</i> em outras funções sintáticas	4 / 31 / 13%	.36

Fonte: elaborado pelos autores

Os dados da tabela 4 mostram o peso relativo de cada fator de ocorrência. O fator que possui mais peso para a ocorrência do *a gente* é o antecedido por *a gente* em outras funções sintáticas, com peso relativo de 0.94. Os outros fatores que corroboram com a realização do *a gente* nas posições de não sujeito foram os de antecedido por *a gente* sujeito, com peso de 0.58 e a de antecedido por *nós* sujeito, com peso relativo de 0.74. Ramos, Bezerra & Rocha (2009, p. 290) destacam a importância do paralelismo formal para as funções de não sujeito tendo em vista que “[...] a existência de uma forma antecedente de *a gente* leva à manutenção dessa forma”, revelando que é mais comum o uso do *a gente* quando ele vem antecedido por *a gente*.

O contexto de primeiro da série foi o que menos demonstrou influência na realização do *a gente*, com peso relativo 0.34, entendendo, assim, que, nesse fator, há maior predominância da variante *nós*. Os contextos de realização isolada e o antecedido por *nós* em outras funções sintáticas também funcionam como forma de barrar a variante inovadora, com pesos de 0.50 e 0.36, respectivamente, concluindo, assim, que, nessas posições, há pouca introdução do *a gente*.

Os resultados por *nós* encontrados dialogam com os resultados de Vianna & Lopes (2012) e Vitório (2017). Desse modo, compreendemos que, além do fator paralelismo formal se mostrar significativo, essa variável implica que há ambientes em que o falante tende a utilizar mais o pronome inovador. Assim, os fatores antecedido por *a gente* em outras funções sintáticas, antecedido por *nós* sujeito e antecedido por *a gente* sujeito desempenham peso fundamental para o uso do *a gente* na comunidade de fala estudada, representando a ideia de que a variável paralelismo formal é fundamental para implementação de *a gente* no falar do sertão alagoano.

4.3 Nota sobre a variável relações gramaticais

Como o nosso trabalho se guia através da análise variacionista das formas pronominais *nós/a gente* nas funções de complemento e adjunto no sertão alagoano, compreendemos que seja importante observar os índices de realização dessas formas pronominais em relação à variável relações gramaticais considerada nesta pesquisa e que foi considerada estatisticamente não significativa, mas relevante nas pesquisas de Vianna & Lopes (2012) e Vitória (2017b).

Relacionando-se diretamente com a variável tipo de núcleo, essa variável funciona ao redor da perspectiva da função sintática na qual o pronome está inserido, ou seja, as relações gramaticais nas quais os pronomes de 1PP podem assumir. Para isso, selecionamos quatro relações gramaticais, são elas: acusativo (13), dativo (14), (oblíquo) complemento (15) e (oblíquo) adjunto (16). Adotamos aqui os termos apresentados por Vianna & Lopes (2012), baseados nos pressupostos de Duarte (2003).

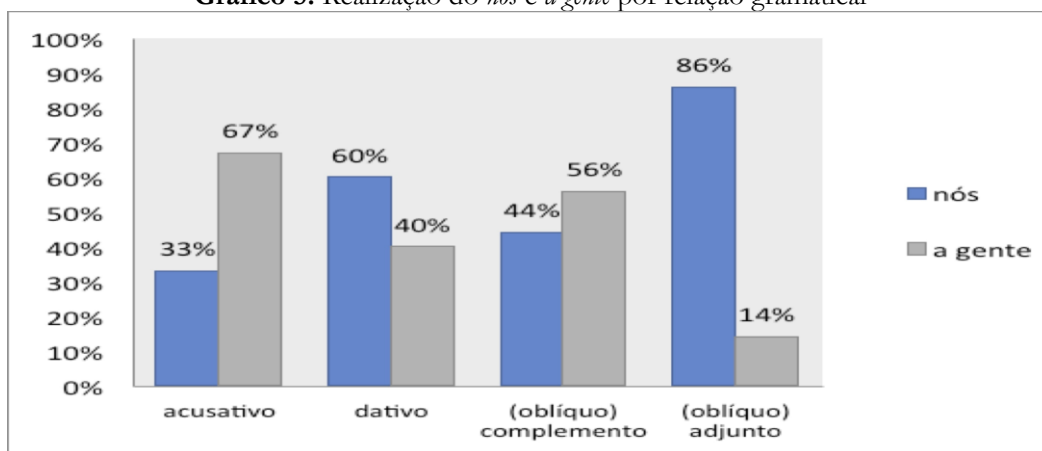
(13) São N fatores que a gente se fô olhá às vezes deixa a gente até para baixo - /mais, mas/ sempre tem seus lados posit:vos e são esses que às vezes deixa *a gente* mais à vontade no que faz L14

(14) Não – porque desde pequenininho que a minha mãe não teve condições de dá o melho *pra gente* né? L38

(15) o prefeito aqui é um ladrão – num tem um “fi” da peste certo – pega – o *nosso* ganha pão aí leva pro curral é cinquenta conto pra soltá – xxx isso aí eles tamém tão errado [...] L4

(16) Rapaz é: - x assim é culpa: também como cê pergunto xx dos governantes na: no *nosso* estado né? porque se eles investissem ma:is eu tenho certeza que num num tava essa onda de: de criminalidade essa monte de coisa L4

Gráfico 5: Realização do *nós* e *a gente* por relação gramatical



Fonte: elaborado pelos autores

As relações gramaticais que mais propiciaram a realização do pronome *a gente* foram as de acusativo, em que foram localizadas 12 realizações de *a gente*, com 67%, contra 6 realizações de *nós*, representando 33%, e a de (obliquo) complemento, localizadas 5 realizações de *a gente*, com 56% oposto a 4 realizações de *nós*, com 44%. Em relação ao uso de *nós*, a maior ocorrência se deu através da função de (obliquo) adjunto, representando um total de 86%, com 154 realizações, contra apenas 14% do *a gente*, sendo 24 realizações, provando ser a função que mais inibe a entrada do pronome inovador. A função de dativo também propiciou a maior realização do *nós*, com 60%, sendo 3 realizações, contra 40% da variante inovadora, sendo 2 realizações.

Realizamos o cruzamento entre as variáveis relações gramaticais e tipos de núcleo, com o intuito de verificar em que contexto sintático a entrada de *a gente* é mais limitada e observamos, conforme tabela 5, que é no interior do sintagma nominal na função de (obliquo) adjunto, com *nós* apresentando um percentual maior de uso – 89% e havendo um barramento maior da implementação de *a gente*. Esses dados corroboram os achados de Vianna & Lopes (2012) e Vitória (2017b), mostrando, assim, um mesmo comportamento linguístico nas comunidades estudadas.

Tabela 5: Realização de *a gente* por relações gramaticais e tipos de núcleo

	Acusativo		Dativo		(obliquo) Complemento		(obliquo) Adjunto	
	nós	a gente	nós	a gente	nós	a gente	nós	a gente
Núcleo Nominal	-	-	-	-	3/170 2%	2/170 1%	152/170 89%	13/170 8%
Núcleo Verbal	6/40 15%	12/40 30%	3/40 7%	2/40 5%	1/40 3%	3/40 7%	2/40 5%	11/40 28%

Fonte: elaborado pelo autor

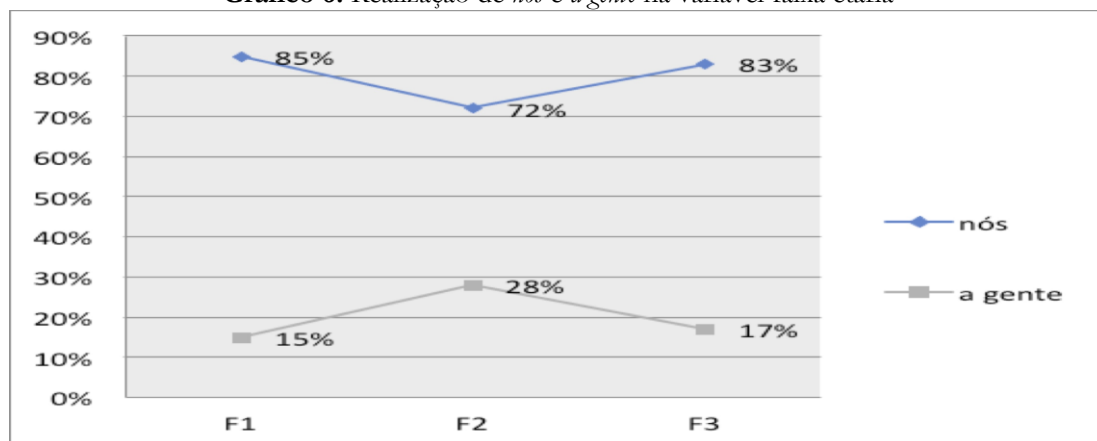
Esses dados evidenciam a ideia de que, além de o pronome *a gente* estar melhor se inserindo na língua através do núcleo verbal, funções sintáticas também estão favorecendo a sua entrada no Português analisado na região, mesmo com a variável relações gramaticais tendo sido descartada como significativa pelo programa. Desse modo, entendemos que há funções gramaticais que possuem mais peso na ocorrência dos pronomes de 1PP.

4.4 Mudança em curso ou variação estável?

Como a variável faixa etária foi estatisticamente não significativa, não fizemos uma análise dos dados obtidos. Entretanto, como é através dessa variável, do recorte sincrônico, que podemos atestar uma mudança em tempo aparente, fazemos aqui um

breve comentário sobre os resultados obtidos para a variação *nós* e *a gente* não sujeito na comunidade de fala do sertão alagoano. Observemos os resultados da variável faixa etária no gráfico 6.

Gráfico 6: Realização de *nós* e *a gente* na variável faixa etária



Fonte: elaborado pelos autores

Seguindo o que prega a Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 2008) sobre a perspectiva de observar a mudança linguística através da metodologia de tempo aparente, os dados apontam que estamos diante de uma variação estável, tendo em vista que, enquanto há um acréscimo de *a gente* na F2 – 28%, nas F1 e F3, temos um decréscimo dessa variante – 15% e 17%, respectivamente, permanecendo, assim, a maior incidência da variante conservadora.

A relação de estabilidade das variantes (a situação de contemporização) avultará, se entre a regra variável e a faixa etária dos informantes não houver qualquer tipo de correlação. Se, por outro lado, o uso da variante mais inovadora for mais frequente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes, você terá presenciado uma situação de mudança em progresso, a tal relação de duelo de morte [...]. (TARALLO, 2003, p. 65).

Nesse sentido, os resultados para o uso de *nós* e *a gente* nas funções de não sujeito no sertão alagoano atestam que, através do recorte por tempo aparente, não há uma mudança em curso em direção ao uso de *a gente*. Esses números podem ser um indício de que haja aqui uma interferência do mercado de trabalho, uma vez que pesquisas sociolinguísticas mostram que *a gente* é a variante selecionada nas variedades urbanas do português brasileiro, sendo não estigmatizada socialmente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa pesquisa, analisamos o processo de variação entre os pronomes de 1PP *nós* e *a gente* nas funções de complemento e adjunto, com o objetivo de observar se, no falar do sertão alagoano, há essa troca pronominal. Após a obtenção dos dados,

computamos 210 realizações dos pronomes de 1PP nas funções de não sujeito, sendo 167 para *nós* e 43 para *a gente*, confirmando a nossa primeira hipótese de que há variação entre os pronomes de 1PP nas funções de não sujeito no sertão alagoano. Mesmo assim, o pronome *nós* teve maior realização nessas funções, diferente do índice de realização na função de sujeito.

Além disso, consideramos que havia fatores linguísticos e/ou sociais que condicionariam o uso da variante inovadora. Após a rodada dos dados, todas as variáveis sociais foram descartadas como estatisticamente significativas, implicando que as variáveis como sexo/gênero, faixa etária e escolaridade não possuem peso significativo no processo de variação por nós analisado. Já em relação as variáveis linguísticas, o programa considerou duas e descartou uma. As variáveis tipos de núcleo e paralelismo formal foram as únicas vistas como estatisticamente significativas, enquanto à variável relações gramaticais foi descartada. Assim, compreendemos que os condicionadores para essa variação se encontram apenas no nível da língua.

Quanto ao fato das variáveis sociais terem sido descartadas na análise dos dados, temos uma ideia de que, mesmo sendo a variante não padrão, o *a gente* pode não sofrer estigma social nessas posições, entretanto, para que possamos comprovar isso, é preciso que seja feita uma pesquisa avaliativa com os falantes da região para mesurarmos se estamos diante de um estereótipo, marcador ou indicador linguístico, conforme pontua Labov (2008).

Assim, concluímos que, embora haja o processo de variação entre *nós* e *a gente* nas funções de não sujeito no sertão alagoano, o pronome *nós* ainda é o mais selecionado pelos falantes. Além disso, os fatores sociais não interferem diretamente no uso dessas variantes, prevalecendo como fator condicionante apenas variáveis linguísticas. Mesmo havendo a variação, estamos diante de uma variação estável, tendo em vista os resultados na variável faixa etária. Desse modo, o nosso estudo levou à contribuição para os estudos linguísticos feitos sobre a língua, principalmente ajudando a traçar uma parte do perfil sociolinguístico da região do sertão alagoano.

REFERÊNCIAS

DUARTE, I. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In: MIRA MATEUS, M. H. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003, p. 277-321.

FEITOSA, J. *A variação nós e a gente na posição de sujeito no sertão alagoano*. Monografia (Letras) – Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2017.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LOPES, C. De *gente* para *a gente*: o século XIX como fase de transição. In: ALKMIM, T. (Org.). *Para a História do Português Brasileiro – Novos Estudos*. São Paulo: Humanitas, 2002, p. 25-46.

_____. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português*. Madrid: Iberoamericana, 2003.

_____. *A gramaticalização de a gente em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos*. *Fórum Lingüístico*, Florianópolis, v. 4, n.1, 2004, p. 47-80.

PORTO SILVA, S. *A variação de você e cê na fala dos sertanejos alagoanos*. Monografia (Letras) – Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2017.

RAMOS, C.; BEZERRA, J.; ROCHA, M. Do nosso cotidiano ou do cotidiano da gente? Um estudo da alternância nós/a gente no português do Maranhão. *Revista Signum*. Londrina, v. 12, n. 1, p. 279-292, jul. 2009.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Departamento of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SILVA, L. *O uso do pronome nós e da variante a gente na posição de sujeito entre os falantes não escolarizados do alto sertão alagoano*. Monografia (Letras) – Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2017.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. Editora Ática: São Paulo, 2003.

VIANNA, J; LOPES, C. A competição entre nós e a gente nas funções de complemento e adjunto: desvendando outras portas de entrada para o pronome inovador. *Calígrama*, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 137-161, 2012.

_____. Implementação de a gente nas funções de acusativo, dativo e oblíquo: reflexões, propostas e primeiros resultados. *Lingüística* 29 (1), junio 2013

VITÓRIO, E. *A língua usada no sertão alagoano: constituição da amostra*. Trabalho apresentado no III Estudos em Linguagem do Sertão. Delmiro Gouveia, jun. 2017a.

_____. A realização dos pronomes nós e a gente na função de sujeito e nas funções de complemento e adjunto na cidade de Maceio/AL. *Letrônica*. Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 122-138, janeiro-junho, 2017b.

Recebido em: 05/08/2018

Aprovado em: 23/10/2018

Publicado em: 31/12/2018